



Veredas atemática Volume 18 nº 2 – 2014

O papel da metonímia nas formações X-eiro(a)

João Carlos Tavares da Silva (CEDERJ)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo principal analisar a relação de metonímia entre base e produto de algumas construções X-eiro(a). Para isso, iremos nos valer, basicamente, da proposta de Peirsmann & Geeraerts (2006) acerca da metonímia como contiguidade hierarquicamente estruturada. O resultado da análise dos dados nos mostra que o afrouxamento da *força de contato* e da *limitação* (PEIRSMAN & GEERAERTS 2006), assim como a diferença entre Domínios envolvidos, que geram relações metonímicas distintas e, conseqüentemente, significados distintos relacionados a uma mesma palavra.

Palavras-chave: metonímia; contiguidade; formação de palavras; polissemia

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a relação de metonímia entre base e produtos de algumas construções do tipo X-eiro(a), como, por exemplo, a relação de parte-todo que se observa nos pares *abacate* > *abacateiro*, em que a base representa a parte e o produto, o todo. Devido à variada gama de significados e usos das formações X-eiro(a), inúmeros pesquisadores têm buscado respostas para explicar suas diversas nuances significativas, seja num paradigma formalista, como Yacovenco (1994), Gonçalves & Costa (1997), Rocha (2003), Gonçalves, Costa & Yacovenco (1999) e Marinho (2004), seja numa linha sociocognitivista/cognitivista como Almeida & Gonçalves (2006), Botelho (2009) e Pizzorno (2010). Além disso, uma das preocupações de alguns desses

autores é discutir se as várias acepções das formas X-eiro(a) configuram um caso de polissemia ou de homonímia.

Propomos aqui um novo olhar para as formações X-eiro(a) na tentativa de (a) explicar vários de seus significados e (b) optar, mediante análise dos dados, pela polissemia ou pela homonímia. Para isso, pretende-se argumentar que algumas palavras do tipo X-eiro(a) são motivadas por relações metonímicas entre base e produto e que os vários significados se dão pelo afrouxamento da *força de contato* e da *limitação* nos termos de Peirsman & Geeraerts (2006), gerando relações metonímicas distintas e, conseqüentemente, significados distintos. Assumimos, então, em consonância com os pressupostos da Linguística Cognitiva, que tais formações podem ser descritas a partir de relações semânticas e suas contrapartes formais.

O corpus analisado é composto de sessenta palavras do tipo X-eiro(a) extraídas do trabalho de Pizzorno (2010). Analisamos apenas as palavras cuja relação base-produto é de natureza metonímica, deixando de lado, por extrapolar nossos objetivos, as palavras cuja relação base-produto é de natureza metafórica.

O texto se estrutura da seguinte maneira: primeiramente, faz-se uma breve exposição da visão acerca das noções de metáfora e metonímia na literatura linguística, ressaltando-se a variação de concepções ao longo do tempo. Posteriormente, é exposta a proposta de Peirsman & Geeraerts (2006) para o tratamento da metonímia. Por fim, na seção 3, é apresentada a nossa aplicação da taxonomia proposta pelos referidos autores com o objetivo de explicarmos as várias acepções e usos das formações X-eiro(a).

1. Metáfora e metonímia: um breve panorama

Segundo Peirsman & Geeraerts (2006: 273), a distinção entre metáfora e metonímia, na tradição linguística, foi baseada na oposição entre similitude (metáfora) e contigüidade (metonímia). Os autores apontam, basicamente, três concepções distintas de metonímia ao longo da história dos estudos linguísticos: metonímia em termos de contigüidade referencial, em termos de contigüidade linguística e em termos de contigüidade conceptual.

No primeiro caso, a metonímia é vista como um certo número de relações objetivas (por exemplo, parte-todo e adjacência) que existe numa palavra referencial (ver NORRICK 1981). No segundo caso, a metonímia é definida como relação entre dois elementos que são sintagmaticamente combinados (JAKOBSON, 2002) ou como relação entre sentidos de uma palavra (ECO, 1973). Em outras palavras, seja na relação entre elementos contíguos, seja na relação entre sentidos de uma palavra, o que está em jogo nesta concepção são os vários tipos de contigüidade linguística (ver ECO *op. cit.*, JAKOBSON, *op. cit.*; ULLMANN 1967). Por fim, com o advento da Linguística Cognitiva, a metonímia é definida como transferência de significados dentro de um mesmo domínio conceptual ou domínio matriz¹.

¹ De acordo com Ferrari (2011: 59-60), Domínios são “estruturas semânticas (...) que podem incluir experiências perceptuais, conceitos, complexos conceptuais e sistemas elaborados de conhecimento”. Entende, por Domínio Matriz, um conjunto de Domínios hierarquicamente estruturados

É a partir desse terceiro ponto dos estudos da linguagem que surge uma nova concepção de metonímia e de metáfora. Em primeiro lugar, ambas são vistas como propriedades do pensamento, ou seja, como um processo cognitivo, e não mais apenas como recurso estilístico ou recurso meramente linguístico. Em segundo, passa-se a diferenciar metáfora de metonímia em termos de domínios semânticos envolvidos. Assim, a metonímia é definida como a transferência dentro de um mesmo domínio, ao passo que a metáfora transpassa os limites do domínio, cruzando domínios distintos. A mudança semântica via metonímia, então, se dá por relação entre significados que estão dentro de um mesmo domínio cognitivo. Já a mudança via metáfora envolve significados pertencentes a domínios diferentes.

Porém, se, por um lado, esta definição tem ganhado popularidade nos últimos anos, por outro, tem sido alvo de críticas até mesmo por cognitivistas (e.g. Feyaerts 1999; Panther & Thornburg 1999; Croft 2002; Taylor 2002; Peirsman & Geeraerts 2006).

A primeira crítica é com relação a uma noção de domínio não muito bem definida. Panther & Thornburg (1999) salientam que o que constitui um domínio não tem sido muito bem explicado na literatura linguística. Croft (2002) tece considerações importantes a respeito da metonímia e chama a atenção para o fato de a metonímia, muitas vezes, também cruzar domínios distintos. Na frase *Proust é difícil de ler*, por exemplo, a fonte pertence ao domínio do ser humano e o alvo ao domínio da criatividade intelectual. O autor propõe, como solução, a substituição do termo *domínio* por *domínio matriz*.

Há ainda casos em que mapeamentos metafóricos ocorrem dentro de um mesmo domínio ou domínio matriz. Em alguns contextos, palavras podem ser interpretadas tanto metonimicamente como metaforicamente. Valendo-nos do exemplo de Goossens (1995), na frase “*Oh dear*”, *she giggled*, “*I’d quite forgotten*” a palavra *giggled* pode ser metonimicamente interpretada como “dizer alguma coisa enquanto ri” e metaforicamente interpretada como “dizer alguma coisa como se estivesse rindo”. É preciso também levar em consideração a crítica de Taylor (2002: 196-197) com relação a esse tratamento que se tem dado aos domínios, dando a sensação de que são esferas totalmente independentes e dissociáveis.

it would be an error to suppose that domains constitute strictly separated configurations of knowledge; typically, domains overlap and interact in numerous and complex ways

É com base nesses problemas que Riemer (2001: 383) se coloca contra a definição de metonímia em termos de diferença entre domínios semânticos envolvidos:

it is unwise to use identity versus difference between the semantic domains involved as a basis for the differentiation of metaphor and metonymy: the determination of the two should not be based on considerations of semantic domain in the absence of independent means of delimiting these, because one’s definition of semantic domain would be crucial for the classification of a meaning transfer as one or the other.

Para tentar resolver esse problema, Peirsman & Geeraerts propõem um “retorno” à definição de metonímia e metáfora em termos de contiguidade e similitude, sem, porém, abandonar totalmente a noção de Domínio e salientam:

Importantly, this new stress on contiguity rather than on domains ou domain matrices does not require us to use a unitary definition of contiguity. After all, the concept of contiguity is no less vague than that of domain or domain matrix. (Peirsman & Geeraerts, 2006: 273)

Afirmam que metonímia é um conceito prototipicamente estruturado e adotam graus de prototipicidade metonímicas, formando um *continuum*. Dessa forma, estabelecem um padrão metonímico prototípico do qual os outros padrões podem ser derivados e mostram como esses padrões se relacionam uns com os outros e com o padrão prototípico.

2. A proposta de Peirsman & Geeraerts (2006)

Retomando a noção de metonímia em termos de contiguidade, Peirsman & Geeraerts fizeram uma busca dos vários tipos de metonímia em diversos pesquisadores (Paul 1970; Nyrop 1913; Waag 1091 e 1925; apenas para citar alguns) e encontraram 23 padrões metonímicos.

Ressalvam que tal lista não tem a pretensão de ser um inventário exaustivo de todos os tipos de metonímias nem uma listagem que sustente por si só uma tipologia de metonímia, mas apenas uma base empírica para servir de ponto de partida para a análise que pretendem (cf. PEIRSMAN & GEERAERTS, 2006: 277), pois para eles “*linguistics has to look for a comprehensive cognitive framework that is able to cover and relate all theses types of contiguity*” (op. cit. p. 278). Para isso, com base nesse inventário de 23 tipos de metonímia, relacionaram (a) os vários tipos de contiguidade nelas encontrados, (b) as relações entre os tipos de contiguidade e (c) como esses padrões se realizam em diferentes domínios. O agrupamento dos tipos de metonímia em termos de domínios pode ser conferido no quadro abaixo:

Quadro 1	
Padrões metonímicos separados por domínios	
Grupo 1	Grupo 2
Relações de contiguidade no domínio espacial	Relações de contiguidade no domínio temporal
Parte-todo espacial Localização e localizado Conteúdo e continente Material e objeto Peça de roupa e pessoa Peça de roupa e parte do corpo	Parte-todo temporal Antecedente e consequente Tempo e entidade
Grupo 3	Grupo 4
Relações de contiguidade no domínio das ações/eventos/processos	Relações de contiguidade no domínio de assembleia ou coleção
Subevento e evento complexo Potencial e real Ação e participante Causa e efeito Participante e participante Controlador e controlado Possuidor e possuído Localização e produto Produtor e produto	Característica e entidade Entidade única e coleção Objeto e quantidade Fator central e instituição Hiponímia e hiperonímia

Quadro 1 – Padrões metonímicos separados por domínios

A partir daí, a contiguidade é dividida em quatro categorias: parte-todo, contenção, contato e adjacência. Esses quatro tipos de contiguidade atuam em quatro domínios distintos, que são o domínio material e espacial, o domínio temporal, o domínio das ações/eventos/processos e o domínio de assembleia ou coleção.

Dessa forma, criam uma rede em que os quatro tipos de contiguidade e os quatro domínios se relacionam em termos de prototipicidade. Para os autores, o núcleo prototípico dessa rede é, em termos de contiguidade, o padrão parte-todo e, em termos de domínios, o domínio material e espacial, ou seja, o padrão metonímico parte-todo espacial/material é a relação prototípica da rede proposta por Peirsman & Geeraerts (ver figura 1). A partir dele,

os outros padrões metonímicos se relacionam com esse núcleo e/ou se afastam dele através de duas dimensões, que os autores chamam de *força de contato* e *limitação*.

A *força de contato* pode ser definida como uma noção intuitiva que faz referência à força envolvida na relação entre duas entidades. A relação de contiguidade do tipo parte-todo – que existe, por exemplo, entre cabeça e corpo – é muito forte. Para que uma entidade se separe da outra, é necessária uma grande força. Essa relação é enfraquecida na contiguidade do tipo conteúdo-continente (contenção), em que as entidades podem ser separadas uma da outra com mais facilidade.

O conceito de *limitação* envolve os limites das entidades envolvidas, se são entidades limitadas ou ilimitadas. Assim, pode-se ter como exemplo a relação entre ferro e espada. Os autores colocam a relação entre ferro e espada numa contiguidade do tipo parte-todo em que uma entidade é limitada (a espada) e a outra é ilimitada (o ferro). Eles argumentam que essa diferença se faz necessária para que se possa distinguir uma relação ferro-espada de uma relação espada-cabo ou espada-lâmina, por exemplo, em que ambas as entidades são limitadas.

A combinação entre os tipos de contiguidade, os quatro domínios propostos e as dimensões *força de contato* e *limitação* dão origem a uma rede altamente estruturada, que define a taxonomia dos padrões metonímicos proposto pelos autores.

2.1. Contiguidade no domínio espacial/material

Peirsman & Geeraerts propõem que a contiguidade do tipo parte-todo é o núcleo prototípico dos vários tipos de contiguidades no domínio espacial. A partir desse núcleo, as categorias vão se afastando em termos de *força de contato* e/ou em termos de *limitação*. Assim, chegam à rede da contiguidade no domínio espacial, que pode ser representada conforme a figura abaixo:

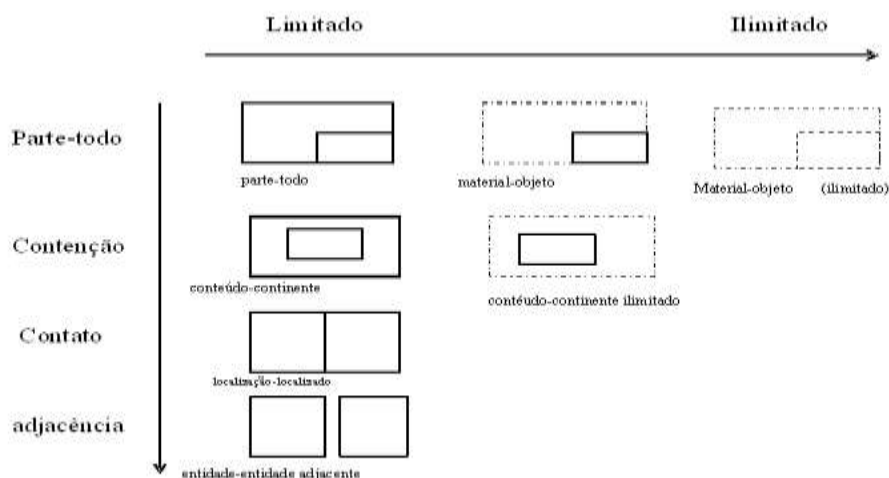


Figura 1: Padrões metonímicos no domínio espacial

A combinação entre parte-todo (na vertical) e limitado (na horizontal) é o núcleo prototípico da rede metonímica. Um exemplo desse tipo de relação está em cabeça e corpo. A partir daí, na linha vertical, as categorias metonímicas vão se afastando por um enfraquecimento na força de contato. A relação de contenção (continente-conteúdo) é uma relação em que as entidades envolvidas estão menos integradas. Garrafa-água é um bom exemplo dessa relação de contiguidade.

Mais afastada do núcleo e com menor integração está a relação de contato. A metonímia localização-localizado é um exemplo de contiguidade espacial em que as entidades estabelecem uma relação apenas de contato e pode ser exemplificada em casa-morador, sala de aula-aluno.

Por fim, no final do *continuum* vertical, há relações do tipo cabeça-boné (peça de roupa e parte do corpo). Os autores unem peça de roupa & pessoa e peça de roupa & parte do corpo (ver Quadro 1, Grupo 1) em uma categoria maior, que chamam de entidade & entidade adjacente, o que permite incluir outras relações de adjacência que não se limitem a peças de roupa e pessoas ou partes do corpo. Além disso, fazem uma observação com relação à distinção entre contato e adjacência:

Whether concrete metonymies belong to adjacency or real contact often depends on interpretation. Piece of clothing & person and Piece of clothing & body part both seem to be motivated by contact contiguity. Other cases, however, seem to rely on more adjacency. (Peirsman & Geeraerts 2006: 282)

Na linha horizontal, partindo do protótipo, os tipos de metonímias se afastam devido ao caráter de limitação das entidades envolvidas. “Material e objeto” é uma relação em que o objeto é delimitado, mas o material de que é feito não pode ser delimitado (ferro e espada, por exemplo). No fim do *continuum*, na primeira linha horizontal, tem-se uma relação em que as duas entidades são ilimitadas. O exemplo citado é chocolate (bebida), em que ambas, substância e bebida, são ilimitadas.

Partindo da categoria conteúdo-continente, o caráter ilimitado do continente em relação ao conteúdo faz gerar um novo padrão metonímico. Um exemplo pode ser visto em refrigerante e bolhas, em que as bolhas são entidades delimitáveis (contáveis) dentro do refrigerante, que é não delimitável (incontável).

2.2. Contiguidade no domínio temporal

Nossa conceptualização de tempo é inextricavelmente ligada à concepção de espaço (KRONASSER, 1952: 158). Usamos, no dia a dia, muitas expressões linguísticas de tempo que derivam do domínio espacial. Por isso, Peirsman & Geeraerts propõem que as três relações de contiguidade no domínio temporal (cf. Quadro 1) sejam derivadas do domínio espacial. Em outras palavras, os padrões de contiguidade temporal são extensões metafóricas de padrões de contiguidade espacial.

O padrão parte-todo espacial deriva o padrão parte-todo temporal. A relação entre as palavras “manhã” e “dia” são um exemplo. A manhã é parte do dia. Por ação de um enfraquecimento na força de contato, o padrão parte-todo deriva o padrão contenção, ao qual podemos associar a metonímia tempo & entidade do quadro 1. Na frase *Os anos 60 foram muito duros*, há uma metonímia desse tipo, em que se substituem as pessoas e a vida que elas levavam pelo período de tempo. Nesse caso, o tempo é visto como um contêiner e as pessoas como um conteúdo.

No fim do *continuum*, tem-se a metonímia antecedente & conseqüente com uma força de contato ainda menor. A palavra “phóbos”, do grego, hoje, significa medo, mas na sua origem significava voo. O ato de ter medo antecede o voo e, assim, a palavra foi gradualmente mudando seu significado pelo significado da ação antecedente.

Pode-se ilustrar a extensão metafórica da contigüidade espacial em contigüidade temporal conforme apresentado na figura 2:

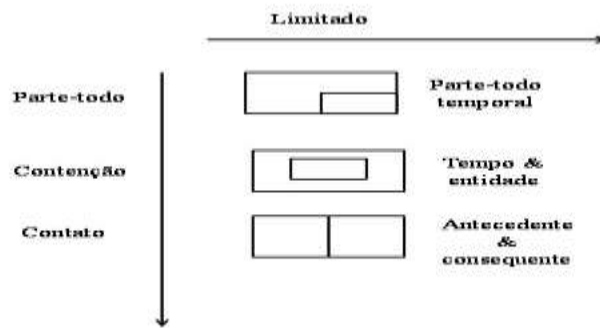


Figura 2: padrões metonímicos no domínio temporal

2.3. Contigüidade no domínio das ações/eventos/processos

Esse domínio se constitui de uma mescla dos domínios espacial e temporal e combina elementos das duas fontes. De um lado, o domínio temporal, de onde emergem ações, eventos e processos; do outro, o domínio espacial/material, de onde saem os participantes envolvidos nessas ações, eventos e processos.

Por ser fruto de duas fontes distintas, esse domínio é mais rico que os domínios espacial e temporal, apresentando, em relação aos dois primeiros, um número maior de tipos de contigüidade. Isso se confirma quando vemos que o grupo 3 do quadro 1 é o que apresenta maior número de tipos de metonímia.

Na metonímia *subevento & evento complexo*, em vez de serem relacionados dois períodos de tempo, como no domínio temporal, são relacionados duas ações, eventos ou processos, em que um é conceptualizado como parte do outro, como no diálogo abaixo:

- Como você conseguiu chegar a tempo?
- Eu pisei no acelerador.

Esse exemplo demonstra como a ação de pisar no acelerador substitui um evento mais complexo que é o de dirigir em alta velocidade.

A extensão do padrão *subevento & evento* complexo pode gerar o padrão *ação/evento/processo & estado*. Eventos e processos são temporalmente delimitados, ao passo que estados são ilimitados, ou seja, o que está em jogo aí é a dimensão limitação.

Uma ação, evento ou processo, que são temporalmente delimitáveis, são vistos como partes de um estado, que é ilimitado. Na frase *Maria fala espanhol*, saber falar espanhol é visto como um estado que tem como parte a ação de falar espanhol.

No padrão *ação/evento/processo & participante*, as ações, eventos ou processos são vistos como continentes e seus participantes como conteúdos. Os participantes de uma ação, evento ou processo podem ser agentes, pacientes, locais, tempo e instrumento. Devido a isso, este padrão é muito produtivo e se desdobra em vários subtipos:

Ação/evento/processo & agente: *snitch* (inglês) – o ato de delatar por informante;

Ação/evento/processo & paciente: *achat* (francês) – o ato de comprar por compra;

Ação/evento/processo & local: *Weg* (alemão) – o ato de mover-se/deslocar-se por estrada;

Ação/evento/processo & tempo: *fenaison* (francês) – o ato de ceifar por tempo de ceifar (temporada);

Ação/evento/processo & instrumento: *letze* (alemão) – o ato de partir por bebida de despedida.

A atuação da dimensão *limitação* sobre alguns desses padrões gera outros padrões metonímicos:

- ação/evento/processo & participante ilimitado

ação/evento/processo & instrumento: *sprach* (alemão) – o ato de falar por língua

ação/evento/processo & paciente: *nahrung* (alemão) – ato de se alimentar por alimento

- ação/evento/processo ilimitado (estados) & participante

estado & instrumento: *connoissances* (francês) – o estado de conhecer alguém passou a designar os presentes que os cavaleiros davam às suas senhoras (Idade Média)

Cabe ressaltar que *ação/evento/processo & participante* pressupõe, em termos de contiguidade, uma relação de contenção, logo, é extensão de *subevento & evento complexo* no eixo do abrandamento da *força de contato* (cf. Figura 3).

A atuação da dimensão *limitação* sobre alguns dos subpadrões *ação... & participante* gera padrões metonímicos novos, como *ação... & participante ilimitado* e *ação... ilimitado (estados) & participante*.

Seguindo o *continuum* de enfraquecimento da força de contato, o próximo padrão metonímico é o do tipo *causa & efeito*. Esse padrão se dá por uma relação de contato e está intimamente ligado ao padrão *antecedente & consequente* do domínio temporal. Isso significa que o padrão *causa & efeito* é uma extensão metafórica de *antecedente &*

consequente. Na frase *Pedro esvaziou a garrafa*, a causa (beber) foi substituída pelo seu efeito (esvaziar).

É importante não confundir os domínios envolvidos. Obviamente há duas metonímias nessa frase: uma no domínio das ações/eventos/processos, em que ocorre a metonímia *causa & efeito* (beber por esvaziar) e outra no domínio espacial, em que ocorre a metonímia *conteúdo & continente* (líquido por garrafa).

A causa ou o efeito também podem ser ilimitados como em *covardia* – ato de ser covarde (causa temporalmente limitada) por covardia (efeito ilimitado) – ou em *lustre*, que a palavra brilho/luminoso/brilhante (efeito temporalmente ilimitado) deu origem à acepção de lustre objeto (causa limitada).

O padrão metonímico *participante & participante* engloba as metonímias controlador & controlado, possuidor & possuído, localização & produto e produtor & produto (Quadro 1, Grupo 3), além da metonímia instrumento & resultado. Seu lugar no *continuum* de força de contato é abaixo da metonímia *causa & efeito* e se dá por uma relação de adjacência entre os participantes das ações, eventos ou processos.

Controlador e controlado: Nixon bombardeou Hanoi.

Possuidor e possuído: ela casou com o dinheiro (por casou com alguém que tinha dinheiro).

Produtor e produto: estou lendo Machado de Assis

Localização e produto: comprei um paraguai no camelô².

Instrumento e resultado: Sócrates bebeu a própria morte.

Há também casos como o nome da ilha portuguesa Madeira (Ilha da Madeira), que recebeu esse nome por fornecer muita madeira. Os autores argumentam que, por ser o produto ilimitado, esse tipo de metonímia seria uma extensão ao longo do *continuum* da limitação, gerando o padrão *participante & participante ilimitado*.

Por fim, cabe ressaltar que o domínio das ações/eventos/processos muitas vezes é resultado da relação entre domínio espacial e domínio temporal. Todos os padrões metonímicos dentro da categoria contiguidade no domínio das ações/eventos/processos estão esquematizados na figura 3, abaixo:

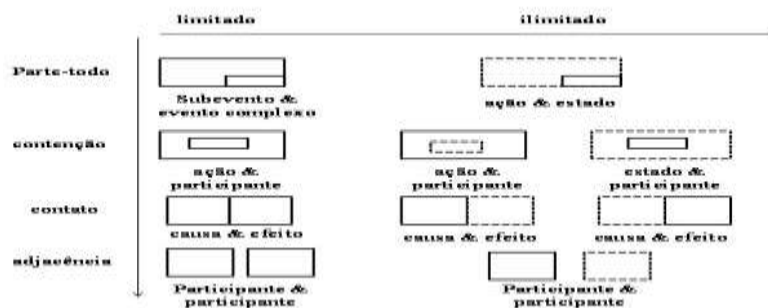


Figura 3: padrões metonímicos no domínio das ações/eventos/processos

² Esse tipo de metonímia pode ser interpretado também, não como um padrão único, mas como resultado da mescla entre localização e localizado (domínio espacial) e produtor e produto (domínio das ações eventos e processos).

2.4. Contiguidade no domínio das assembleias e coleções

Peirsman & Geeraerts afirmam que esse padrão deriva diretamente do padrão parte-todo no domínio espacial/material. Assembleia e coleção estão sendo vistas pelos autores nos termos de Cruse (1986) e Seto (1999):

Taxonomy is a kind-of relation while partonomy is a part-of relation. In other words, taxonomy is relation between a more comprehensive category and a less comprehensive one, while partonomy is the relation between an entity and its parts, such as the relation between a table and its legs. (Seto 1999: 93)

A principal diferença entre ambas é que assembleia é um conjunto formado por membros funcionalmente distintos, enquanto coleção é um conjunto formado por membros iguais ou funcionalmente equivalentes. Esse padrão cobre as metonímias fator central & instituição, característica & entidade, objeto & quantidade, entidade única & coleção e hiponímia & hiperonímia.

O primeiro padrão é o do tipo fator central e instituição, que se caracteriza por uma relação de parte-todo entre as entidades envolvidas. O termo *a imprensa* para designar a instituição é um bom exemplo. A máquina de imprimir é parte da instituição. O que faz essa metonímia pertencer ao domínio da assembleia é o fato de que a instituição é um todo complexo, formado por diferentes membros funcionais, do qual a máquina de imprimir faz parte.

O segundo padrão é a metonímia característica e entidade. Os autores dão como exemplo a palavra *majestade*, em que a principal característica do rei passa a denominá-lo. Esse padrão é, na verdade, uma extensão do anterior ao longo do *continuum* da *limitação*. Nessa metonímia, uma pessoa é conceptualizada como uma assembleia de características, das quais uma é representativa desse indivíduo.

A questão principal aí é que características são entidades ilimitadas e pessoas são limitadas. Inclui-se, nesse padrão, também, a metonímia objeto e quantidade. O exemplo dado é a expressão *un quart*, que, na culinária francesa, significa uma lata de sardinha no óleo, porque uma lata contém essa quantidade fixa de sardinha. Da mesma forma que uma característica específica é uma dentre outras características de um indivíduo, uma quantidade específica também é uma característica dentre outras.

Seguindo o *continuum* da *força de contato*, passa-se da assembleia para a coleção. Os autores afirmam que a mudança de assembleia para coleção é paralela à mudança que ocorre da relação de parte-todo para a relação de contanto e adjacência, já que os membros de uma coleção são relativamente independentes e não se relacionam em termos de funções. Na coleção, seus membros estão menos integrados. Pode-se dizer, então, que há um enfraquecimento na *força de contato*.

A relação entre abelha e enxame exemplifica o caso de membro-coleção. Essa coleção, porém, pode ter caráter ilimitado, afastando-se do seu derivante ao longo do *continuum* de *limitação*. Um exemplo mencionado é o da palavra *frauenzimmer* (alemão), que originalmente significava um cômodo para mulheres. Posteriormente passou a significar

o conjunto de mulheres que ficavam naquele cômodo e atualmente significa mulher. Ou seja, o conjunto ilimitado de mulheres passou a designar apenas um indivíduo.

Por fim, os autores abordam a relação de hiponímia e hiperonímia, fazendo um paralelo entre hiponímia-hiperonímia e as metonímias membro-coleção e característica-entidade. Para isso, partem da sentença *Kodak é uma câmera*. Numa caracterização extensional, câmera é a enumeração de todos os tipos possíveis de câmera – Kodak, Nikon, Canon. Câmera então é definida como uma coleção de instâncias mais específicas, em que Kodak é apenas um exemplo. Nesse caso, a câmera é vista como uma coleção, e Kodak um membro dessa coleção. Numa perspectiva intensional, a câmera é vista como uma parte do equipamento que é usado para tirar fotografias, fazer filmes e produzir programas de televisão. Nesse caso, Kodak é uma câmera da fabricação Kodak. Câmera, então, é uma parte da definição intensional de Kodak e pode ser metonimicamente focalizada como característica-entidade.

Em resumo, na primeira interpretação, Kodak é uma parte da coleção das várias câmeras – Nikon, Olympus, etc. Já na segunda, câmera é vista como característica ilimitada da assembleia Kodak – de todas as partes funcionais que compõem a marca Kodak. Peirsman & Geeraerts admitem que hiponímia e hiperonímia não é diretamente uma relação de contiguidade. Apenas quando o hipônimo é visto como coleção é que o padrão metonímico pode ser aplicado.

Por fim, chegam à classificação de assembleia e coleção tal qual ilustrada na figura abaixo:

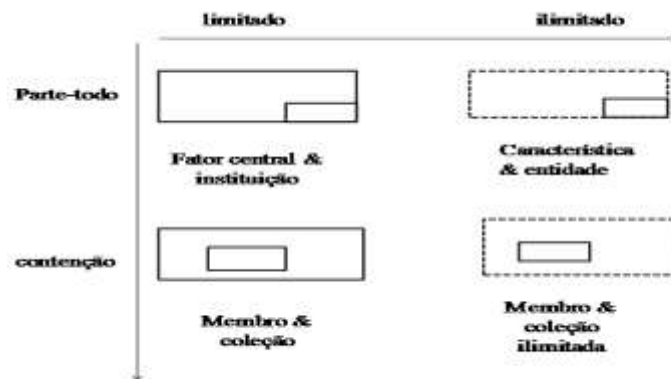


Figura 4: padrões metonímicos no domínio das assembleias e coleções

3. A metonímia e as formações X-eiro(a)

A proposta principal deste artigo é mostrar que o processo de formação de palavras via sufixo -eiro(a) pode ser descrito com base em relações semânticas e suas contrapartes formais. Estamos propondo, mais especificamente, que a metonímia, em termos de contiguidade, é a base conceptual que alimenta a formação de algumas palavras do tipo X-eiro(a). Cabe ressaltar que não estamos negando que palavras X-eiro(a) possam ser motivadas por metáforas, como em *cervejeiro*, por exemplo. Entretanto, o papel da metáfora

não é o foco deste trabalho. Dessa forma, trataremos apenas das questões metonímicas envolvidas nas formações X–eiro(a).

Cabe ressaltar também que o trabalho de Peirsman & Geeraerts se propõe a mapear os tipos de contiguidade e suas manifestações metonímicas. O que os autores analisam são casos típicos de substituição: palavras que ao longo do tempo mudaram de significado (como no exemplo da palavra *frauenzimmer*) ou sentenças em que uma palavra estava sendo empregada no lugar de outra (como em *Ele esvaziou a garrafa*).

O que se propõe aqui, na verdade, é a aplicação da taxonomia feita pelos pesquisadores como forma de explicar as várias acepções das formações X-eiro(a). Não há no *corpus* analisado casos de substituição ou mudança semântica. O que vamos mostrar é que existe uma relação de contiguidade entre o referente da base e o referente do produto das formações X-eiro(a).

Como o processamento metonímico é considerado uma das características básicas da cognição (Lakoff & Johnson 1980), justifica-se a proposta de motivação metonímica das formações X-eiro(a) aqui analisadas. Sua variada gama de acepções se dá basicamente pelo fato de que cada grupo semântico X-eiro(a) (agentivo, locativo, objeto, excesso e vegetal) já estudado por diversos autores (Marinho, 2004; Pizzorno, 2010; entre outros) é motivado por um tipo diferente de contiguidade. Por fim, mostraremos que tais grupos semânticos se aproximam ou se afastam em termos de *força de contato* e de *limitação*.

Para a realização deste trabalho, foi utilizado o mesmo corpus de Pizzorno (2010). O *corpus* apresenta 123 palavras do tipo X-eiro(a) e está dividido em cinco grupos semânticos: agente, vegetal, objeto/local, excesso e anomalia. Dessas 123 palavras, selecionamos apenas sessenta, em que havia relações de contiguidade entre a semântica da base e a do produto. As demais palavras foram descartadas por envolverem basicamente processos metafóricos, o que foge dos objetivos deste trabalho.

3.1. Formação de palavras no domínio espacial/material

Dentro do domínio espacial, as formações X–eiro(a) podem ser motivadas por três tipos de metonímias: parte–todo, conteúdo–continente e entidade–entidade adjacente, cada uma representando um nível da força de contato.

Parte-todo – Esse é o padrão metonímico prototípico, por pertencer a um domínio mais básico e por ser possível, a partir dele, explicar os outros padrões de forma mais coerente. Isso não significa, porém, que as palavras em –eiro(a) formadas com esse padrão são o protótipo da rede polissêmica do sufixo -eiro. Incluem-se nesse padrão metonímico todas as palavras que designam plantas em geral: abacateiro, roseira, alecrineiro, entre tantas outras. Nesses casos, a base representará sempre a parte e o produto, o todo.

Contenção – O padrão de contenção se dá pelo enfraquecimento da *força de contato*. A metonímia conteúdo-continente é bastante atuante nesse processo de formação X–eiro(a) e motiva palavras que designam locais, tais como coqueira, coqueteleira, doceira. A base será sempre o conteúdo e o produto, sempre o continente. O enfraquecimento da *força de contato* fica perceptível quando se comparam roseira e doceira. Para se separar a rosa da roseira, é

necessária uma força que a arranque. Já o doce pode ser mais facilmente removido da doceira.

Contato – Seguindo o *continuum* de enfraquecimento da *força de contato*, temos a metonímia entidade & entidade adjacente, em que as entidades estabelecem uma relação de contato. Essa metonímia motiva a formação de locativos, como bagageiro, mosquiteiro, papelero e revisteiro. A diferença dessas formações para as do tipo doce – doceira é que seus referentes mantêm apenas uma relação de contato. O bagageiro é uma superfície sobre a qual se colocam objetos. O papelero tem um formato parecido com o de uma bandeja. A doceira, diferentemente, é um pote onde se colocam os doces – é exatamente um recipiente.

3.2. Formação de palavras no domínio das ações/eventos/processos

Esse é o domínio que motiva mais ativamente as formações X-eiro(a). O plano das ações, eventos e processos envolve um modelo cognitivo complexo composto por um conjunto de entidades conceptuais. Além disso, esse domínio combina entidades do domínio espacial e temporal. O resultado é um número maior de relações de contiguidade, que dão origem a diversos padrões metonímicos na relação base-produto nas formas X-eiro(a). Os padrões metonímicos ligados às formas X-eiro(a) encontrados nesse domínio foram: ação-participante, causa-efeito, causa-efeito ilimitado e participante-participante.

Contenção – Como foi visto na seção 2.3, ações são vistas como continentes e seus participantes como conteúdos. Nas formações X-eiro(a), são ativadas as relações ação-agente e ação-instrumento. No caso de ação-agente, há sempre uma base verbal, que representa a ação envolvida na cena, e um produto que representa o agente dessa ação. Esse padrão forma agentivos do tipo arrumadeira e britadeira. No caso de ação-instrumento, são formados objetos. Esses também apresentam base verbal, que representa a ação envolvida na cena, mas o produto agora é o instrumento da ação. Assadeira, britadeira e descascadeira são alguns exemplos.

Contato – O enfraquecimento da força de contato faz surgir a relação causa e efeito entre os participantes do evento. As formações X-eiro nesses casos são compostas por substantivos abstratos na base – representando o efeito – e um substantivo concreto no produto – representando a causa. São palavras como arruaceiro, barraqueiro, fôfoqueiro, traiçoeiro e trapaceiro que fazem parte desse grupo.

Seguindo agora o *continuum* da *limitação*, as formas acima podem sofrer um abrandamento na limitação dos participantes envolvidos. Nesses casos, a base passa a ter caráter ilimitado, é um substantivo abstrato que representa a causa, e não o efeito, como nas formações anteriores. O produto é um substantivo também abstrato, que representa o efeito. As diferenças dessa formação para as formações anteriormente descritas é que o produto é um substantivo abstrato e a relação causa-efeito se inverte. O mais importante dessas formações é o papel da vogal temática no reenquadre morfológico, nos termos de Nascimento (2006). Nessas formações, há sempre a vogal temática –a. Assim arruaceiro (“aquele que faz arruaça”) pode se reenquadrar em arruaceira (“aquela que faz arruaça” ou “excesso de arruaça”) – uma forma masculina que passa a feminina.

Como proposto por Nascimento (2006), essas formas, que deveriam ser sinônimas, se especializam, conforme o princípio da não-sinonímia (Goldberg, 1995). Segundo esse princípio, se duas construções são sintaticamente distintas devem ser semântica e pragmaticamente distintas. Esse princípio pode levar à eliminação de uma das formas concorrentes ou à especificação semântica de uma delas. Tal especificação pode ser de dois tipos: restrição no valor semântico ou extensão figurativa. O que ocorre nas formações X-eiro(a), na verdade, são os dois casos. Uma forma do tipo *arruaceiro* sofre um reenquadre morfológico passando à *arruaceira*. A restrição semântica leva essa forma ao significado feminino (aquela que faz arruaça) e, portanto, pertence ao padrão causa-efeito. A extensão figurativa gera o significado “excesso de arruaça”, encaixando essa forma no padrão causa-efeito ilimitado. A arruaça é a causa de uma arruaceira, ou seja, de um excesso de arruaça. Podemos dizer que a arruaça é um evento temporalmente limitado, enquanto arruaceira tem um caráter mais abstrato e ilimitado. O mesmo acontece com trapaceira, fofoqueira e traiçoeira, que podem ter tanto o sentido de feminino quanto o de “excesso de X”.

Adjacência – Voltando agora ao *continuum* de *força de contato*, veremos que o abrandamento dessa dimensão leva ao padrão participante-participante. Duas metonímias estão envolvidas: controlador-controlado e produtor-produto. Em ambos os casos, tem-se como base e como produto substantivos concretos. A base será sempre o participante agente, enquanto o produto, o participante paciente. Esse padrão forma agentivos, que diferem apenas pelo papel do agente (se produtor ou controlador). Assim, as formas merendeiro e doceiro são do tipo produtor-produto, e formas como lixeiro, kombeiro e camareiro são do tipo controlador-controlado. Em outras palavras, a diferença básica dos agentivos X-eiro(a) está no tipo de agente, se produz algo ou se controla algo.

3.3. Formação de palavras no domínio das coleções

Nesse domínio, o único padrão que motiva as formações X-eiro(a) é a metonímia membro e coleção ilimitada. A base é sempre um substantivo concreto, e o produto um substantivo de caráter mais abstrato. Palavras como aguaceiro, agulheiro, cabeleira estão nesse grupo. Embora a base seja um substantivo concreto e o formativo seja basicamente algo que pode ser parafraseado como “excesso de X” ou “grande quantidade de X”, dando uma ideia geral de “conjunto de X”, queremos chamar a atenção para o fato de ser ilusória a sensação de concretude dessas palavras. O caráter abstrato dessas formas advém justamente do tipo de contiguidade que a motiva: o fato de ser uma coleção ilimitada. A não delimitação do conjunto, além de dar ao produto um caráter abstrato, é responsável também pelo matiz semântico de excesso, típico dessas palavras. Afinal aquilo que é ilimitado é mais abstrato do que o que pode ser delimitado. Além disso, tudo que é abundante não se pode mensurar e/ou delimitar – ou no mínimo é mais difícil de delimitar.

O quadro abaixo contém cinco exemplos que são suficientes para ilustrar todos os padrões de formações X-eiro(a) aqui descritos. A diferença de significado para uma mesma palavra pode se dar tanto pela diferença de padrão metonímico (escrito em cada quadro ao lado da respectiva palavra) como pela diferença de domínios (marcado pela diferença de cores, conforme legenda mais abaixo) envolvidos na formação:

Quadro 2				
Formações X-eiro(a): seus grupos semânticos, tipos de contiguidade e domínios envolvidos.				
	AGENTE	VEGETAL	OBJETO/LOCAL	EXCESSO
agulheira	Participante-participante (controlador controlado se for o que trabalha com agulha) (produtor produto se for o que faz/fabrica agulha)	Parte-todo	Conteúdo – continente	coleção (entidade única e coleção)
arruaceira	Causa e efeito			Causa limitada & efeito ilimitado
assadeira	(base verbal) Ação & agente		(base verbal) Ação & instrumento	
bagageiro	Participante-participante (controlador controlado)		Contato (localização-localizado)	
bananeira		Parte-todo		

Domínio espacial
 Domínio das ações eventos/e processos
 Domínio das coleções

Quadro 2 - Formações X-eiro(a): seus grupos semânticos, tipos de contiguidade e domínios envolvidos

O quadro nos mostra que apenas o grupo vegetal é motivado por somente um tipo de contiguidade (parte-todo). Todos os outros apresentam mais de um tipo de contiguidade como motivação. Tomando como exemplo a palavra 'agulheira', podemos ver que suas várias acepções são condicionadas tanto por tipo de contiguidade, como por tipo de domínio envolvido.

Assim a acepção “aquela que vende agulhas” se sustenta pela contiguidade Participante-participante do tipo controlador-controlado, ao passo que a acepção “aquela que fabrica/produz/faz agulha” se sustenta pela contiguidade Participante-participante do tipo produtor-produto; ambas acepções ancoradas no Domínio das ações eventos e processos. Há, pois, variação de sentido dentro do mesmo domínio.

A acepção “tipo de planta” está ancorada na contiguidade do tipo parte-todo sob o Domínio espacial. Já 'Agulheira' como “local onde se coloca agulhas” tem por motivação a contiguidade conteúdo-continente sob o Domínio espacial. Por fim, a acepção “excesso de agulhas” está ancorada na contiguidade do tipo unidade-coleção sob o Domínio das coleções. Em suma, diferentes de Domínios levam a diferentes significados, assim como diferentes tipos de contiguidade geram significados distintos.

O fato de a variação de sentido da forma X-eiro(a), tanto dentro de um grupo como entre grupos, se dá pelo enfraquecimento do *contato de força* e da *limitação* nos permite optar por tratar tais construções dentro de uma rede polissêmica, e não como homonímia, já que todas as acepções estão relacionadas em maior ou menor grau.

Por fim, ressaltamos mais uma vez que algumas formas X-eiro(a), como blogueiro, funkeiro, pagodeiro, choradeira, cozinheira, certo, entre outras, ficaram de fora desse trabalho por serem extensões metafóricas, e não metonímicas. Limitamo-nos ao objetivo principal, que é mostrar a atuação das relações de contiguidade entre base e produto em algumas das formações X-eiro(a) usando a taxonomia proposta por Peirsman & Geeraerts (2006). Acreditamos que as formas X-eiro(a) sejam motivadas basicamente por metonímias, sendo poucas as extensões metafóricas. Cabe dizer que o termo *poucas* está sendo usado para se referir à qualidade do padrão de formação, e não à quantidade de palavras dentro de um padrão, ou seja, são muito poucos os padrões motivados por metáfora (qualidade), embora esses padrões apresentem um número grande de palavras (quantidade), como é o caso dos agentes habituais – pagodeiro, maconheiro, funkeiro, blogueiro, entre outras.

Considerações finais

A proposta de classificação das metonímias feita por Peirsman & Geeraerts nos serve de base para explicar as várias acepções das formações X-eiro(a), uma vez que seus vários significados podem ser explicados a partir da diferença de domínios e/ou tipos de contiguidade envolvidos em cada acepção. Além das relações semânticas entre base e produto, é fundamental, para algumas acepções, o papel da vogal temática *a*, como no caso das palavras que denotam “excesso de...” – trapaceira, fofqueira, arruaceira – e objetos que são instrumentos da ação – assadeira, descascadeira, britadeira.

Acreditamos que cada acepção seja fruto de uma construção gramatical nos termos de Goldberg (1995). Evitamos, porém, nesse trabalho, devido seu caráter ainda preliminar, um maior comprometimento com o termo construção gramatical. A partir do ponto em que se encerra este trabalho, pretende-se, então, dar continuidade à pesquisa para mapear não só as características semânticas, mas também as características formais que distinguem e determinam cada construção.

The role of metonymy in X-eiro(a) formations

ABSTRACT: This paper aims to analyze the metonymic relation between base and product of some constructions X-eiro(a). For this purpose, we followed the proposal of Peirsman & Geeraerts (2006) about metonymy as hierarchically structured contiguity. The analysis of data shows that the loosening of the *Strength of Contact* and *Boundedness* (PEIRSMAN & GEERAERTS 2006), as well as the difference between *Domains* involved, generate different metonymic relations and hence different meanings related to a single word.

Keywords: metonymy; contiguity; word formation; polysemy

Referências

ALMEIDA, M. L. L. & GONÇALVES, C. A. V. *Aplicação da construction grammar à morfologia: o caso das formas X-eiro*. *Linguística (PPGL/UFRJ)*, v. 2, p. 229-242. 2006.

BOTELHO, L. S. *Construções agentivas em X-eiro, uma rede metafórica*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2004.

CROFT & CRUSE. W. and D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge. Cambridge University Press. 2005.

CROFT, W. *The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies*. In Driven, R. and R. Pörings (eds.). *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. (Cognitive Linguistic Research 20.) Berlin/New York: Mouton de Gruyter. 2002. 161 – 205.

CRUSE, D. A. *Lexical Semantics*. Cambridge. Cambridge University Press. 1986.

ECO, U. *Sémantique de la métaphore*. *Tel Quel* 55, 25-46. 1973

FEYAERTS, K. *Metonymic hierarchies. The conceptualization of stupidity in German idiomatic expressions*. In Panther, K. U. and G. Radden (eds.), *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam and Philadelphia. John Benjamins, 309 – 332. 1999.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. V. & COSTA, R. G. R. *Formações X-eiro em português: um estudo sobre produtividade lexical*. *Letras & Letras*. Uberlândia: UFU / Depto. de Letras Estrangeiras Modernas, 13 (1): 25-36. 1997.

GONÇALVES C. A., COSTA R. G. R. & YACOVENCO, L. C. *Condições de produtividade e condições de produção: uma análise das formas X-eiro no português do Brasil*. *Alfa*, 42: 33-62. 1999.

GOOSSENS, L. *Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action*. In Goossens, L. et al. (eds.), *by word of mouth: metaphor, metonymy and linguistic action in a cognitive perspective*. Amsterdam and Philadelphia. John Benjamins, 159 – 174. 1995

JAKOBSON, R. *The metaphoric and metonymic poles*. In Driven, R and R. Pörings (eds.), *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. (Cognitive Linguistics Research 20.) Berlin/New York. 2002

KRONASSER, H. *Handbuch der Semasiologie*. Heidelberg: Carl Winter. 1952.

LAKOFF & JOHNSON, G and M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002. [1980]

MARINHO, M. A. F. *Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. 2004.

NASCIMENTO, M. J. R. *Repensando as vogais temáticas nominais a partir da gramática das construções*. Tese (Doutorado em Língua portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2006.

NORRICK, N. R. *Semiotic Principles in Semantic Theory*. Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science IV. 1981.

NYROP K. *Grammaire historique de la langue française*. Tome IV. Copenhagen: Gyldendalske Boghandel, Nordisk Forlag. 1913

PANTHER & THORNBURG, K. U. and L. *The potentiality for actuality metonymy in English and Hungarian*. In Panther, K. U. and G. Radden (eds.), *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam and Philadelphia. John Benjamins, 333 – 357. 1999.

PAUL, H. *prinzipien der sprachgeschichte*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. 1970.

PEIRSMAN & GEERAERTS, Yves and Dirk. *Metonymy as a prototypical category*. 2006

PIZZORNO, D. M. *Polissemia da construção x-eiro: uma abordagem cognitivista*. Dissertação (Mestrado em Língua portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2010.

RIEMER, N. *Remetonymizing metaphor: Hypercategories in semantic extension*. *Cognitive linguistics* 12, 379 – 401. 2001

ROCHA, L. C. de A. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: UFMG. 2003.

SETO, K. *Distinguishing metonymy from synecdoche*. In Panther, K. U. and G. Radden (eds.), *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam and Philadelphia. John Benjamins, 91 – 120. 1999.

TAYLOR, J. R. *Cognitive Grammar*. Oxford/New York: Oxford University Press. 2002

ULLMANN, S. *The principles of Semantics*. (Glasgow University Publications 84) Oxford: Blackwell. 1967

YACOVENCO, L. C. *As formações X-eiro agentiva e locativa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, RJ, Faculdade de Letras, UFRJ. 1994.

WAAG, A. *Bedeutungsentwicklung unseres Wortschatzes*. Lahr i. B.: Moritz Schauenburg. 1901.

Data de envio: 26/05/2014

Data de aceite: 27/02/2015

Data de publicação: 23/04/2015